

REFLEXÕES SOBRE A DOCÊNCIA EM LUTAS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA NA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Alex Sandro Martins¹

Veruska Pires²

Resumo: O presente artigo busca refletir sobre a docência em Lutas a partir da participação no Programa Residência Pedagógica. A pesquisa parte de um olhar autobiográfico e uma abordagem qualitativa descritiva. A coleta de dados se deu a partir de documentos inerentes à prática pedagógica, tais como planejamento anual de ensino; planos de aula; diários de aula e processo de rememoração da minha trajetória na prática esportiva do karatê. Para fins de análise, foram identificadas categorias, nomeadas conforme segue: objetivos gerais; conteúdos de ensino; estratégias de ensino e expectativas de aprendizagem. Para a organização e análise dos dados, foi desenvolvida uma linha do tempo, com o intuito de comparar, analisar e refletir sobre as mudanças relativas à experiência docente. As reflexões sobre o embate entre métodos tradicionais de ensino dos esportes e suas limitações no âmbito escolar, com as percepções de possibilidades mais amplas de trabalho sob uma perspectiva mais crítica, inclusiva e participativa, permeiam as análises deste estudo. Ao final foi possível constatar que o modelo de treinamento de Lutas em espaços esportivos não atende as demandas da tematização das práticas corporais de Lutas na Educação física Escolar.

Palavras-chave: Residência Pedagógica; Lutas; Educação Física.

Abstract: This article seeks to reflect about teaching Fights based on participation in the Pedagogical Residency Program. The research is based on an autobiographical perspective and a descriptive qualitative approach. Data collection was carried out using documents inherent to pedagogical practice, such as annual teaching planning; lesson plans; class diaries; and the process of remembering my trajectory in the sport of karate. For analysis purposes, categories were identified, named: general objectives; teaching content; teaching strategies and learning expectations. To organize and analyze the data, a timeline was created, with the aim of compare, analyze and reflect on changes related to the teaching experience. Reflections on the clash between traditional methods of teaching sports with their limitations in the school environment and perceptions of broader possibilities for work from a more critical, inclusive and participatory perspective permeate the analyses of this article. In the end, it was possible to confirm that the Fighting training model in sports spaces does not meet the demands of the thematization of physical Fighting practices in School Physical Education.

Keywords: Pedagogical Residency; Fights; Physical Education

¹ Acadêmico do 8^a semestre do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Prof^a. Dr^a do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

A formação inicial em cursos de licenciatura tem como foco principal habilitar profissionais para o exercício do trabalho pedagógico nos diversos componentes educacionais. O artigo 62 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) aponta que “a formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação”. (BRASIL, 1996, p.56).

No que tange à Educação física, a Resolução CNE/CES 6/2018, no seu artigo 9º faz a seguinte definição: A formação inicial e continuada de professoras e professores de Educação Física deverá qualificar esses profissionais para que sejam capazes de contextualizar, problematizar e sistematizar conhecimentos teóricos e práticos sobre motricidade humana/movimento humano/cultura do movimento corporal/atividade física nas suas diversas manifestações (jogo, esporte, exercício, ginástica, lutas e dança), no âmbito do Ensino Básico (BRASIL, 2018.).

Entre estas manifestações de práticas corporais, o presente artigo centra suas análises nas Lutas, que de acordo com a BNCC (BRASIL, 2018.), é a unidade temática que focaliza as disputas corporais, nas quais os participantes empregam técnicas, táticas e estratégias específicas para imobilizar, desequilibrar, atingir ou excluir o oponente de um determinado espaço, combinando ações de ataque e defesa dirigidas ao corpo do adversário.

Abordar o tema lutas na escola, vai além da prática corporal e técnica que diferem uma modalidade da outra, sendo necessário uma ampliação das concepções, com a intenção de proporcionar uma vivência plural e crítica dos elementos que a compõem e ressignificam. De acordo com Correia e Franchini (2010), o termo “luta” de forma recorrente e dinâmica implica um investimento diversificado de representações e significados, o que por sua vez, lhe confere uma dimensão polissêmica, sendo possível sua utilização em contextos diferentes, tais como “luta de classes”, “luta por direitos”, “luta pela sobrevivência” e, claro, “luta” enquanto um embate físico entre dois ou mais adversários.

Visto por outro viés, So e Betti (2018), afirmam que apesar da inclusão formal das lutas nos currículos oficiais de diversos estados e municípios, o ensino de lutas na escola ainda se encontra em um campo de tensões que mais favorece sua exclusão que inclusão na

Educação Física Escolar. O entendimento, por parte dos alunos, de que as lutas são violentas, relacionadas ao gênero masculino e causadoras de danos físicos compromete a participação discente.

Neste processo de inserção das lutas como conteúdos de ensino nas aulas de educação física há alguns entraves para que a temática seja efetivamente trabalhada pelos professores, entre eles: preconceito com a possibilidade de incitar a violência entre os alunos, a falta de preparo e conhecimento dos professores que não foram praticantes de lutas, e pouco tempo e espaço nos cursos de formação para que conceitos sejam aprofundados e práticas efetivas, como experiências pedagógicas, sejam realizadas em ambientes escolares.

De modo próprio, foi o programa da Residência pedagógica, que me possibilitou a vivência em ambientes escolares e que me desafiou a trabalhar com o conteúdo lutas em uma turma regular do ensino fundamental, colocando em dúvida as certezas já incorporadas numa carreira como professor de Karatê, provocando incertezas sobre como realizar este ensino e ainda desvelando outras e novas possibilidades para minha trajetória profissional. É esta experiência que compartilho e passo a analisar de forma própria e singular.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior – CAPES, por meio da Portaria Gab nº 38, de fevereiro de 2018, institui o Programa Residência Pedagógica, que entre seus objetivos, busca aperfeiçoar a formação dos discentes dos cursos de licenciatura, induzir a reformulação do estágio supervisionado nos cursos de licenciatura, fortalecer, ampliar e consolidar a relação entre a IES e a escola e promover a adequação dos currículos e das propostas pedagógicas dos cursos de formação inicial de professores da educação básica às orientações da BNCC (BRASIL, 2018.)

Sendo assim, entendo que o Programa Residência Pedagógica, preenche uma lacuna fundamental na formação de professores, que é a experiência em campo das atividades profissionais, permitindo experimentar, refletir e até mesmo reavaliar a escolha da profissão, uma vez que possibilita a participação por parte dos discentes por um período de até dezoito meses no universo da escola.

Minha participação no Programa Residência Pedagógica se deu no período compreendido entre novembro de 2022 e abril de 2024, totalizando dezoito meses de participação. O subprojeto ao qual me inseri foi o de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande Do Sul (UFRGS), núcleo 1. Durante esse período, o

trabalho central foi realizado na E.E.E.F. Duque de Caxias, situada em Porto Alegre/RS. O terceiro Ano do Ensino Fundamental foi a turma destinada para a experiência, fazendo parte de todo o projeto elaborado e desenvolvido durante a RP.

Os aspectos apontados tanto como possibilidades, quanto dificuldades de tratamento das lutas na escola, aliados ao meu conhecimento prévio enquanto professor de lutas, deram ensejo à proposta de trabalho com a tematização dos conteúdos referentes a tais práticas corporais.

Diante deste contexto, o presente artigo busca analisar a experiência vivida no Programa Residência Pedagógica com o trato da temática lutas, evidenciando as transformações desta vivência na minha trajetória profissional enquanto professor de lutas.

METODOLOGIA

A abordagem metodológica que constitui este Artigo é a qualitativa descritiva pois, segundo Gaya (2016), a finalidade deste tipo de estudo é além de identificar, descrever e associar variáveis, interpretar os significados. Por outro lado, os estudos descritivos organizam as análises descritas de forma detalhada a partir dos documentos e registros realizados durante o processo de planejamento. Ainda para Gaya (2016, p. 140): “As pesquisas descritivas, como refere seu próprio nome, descreve um fenômeno. Explicitam o comportamento de uma variável”. Fundamenta-se também na autonarrativa para contar as experiências vividas e práticas pedagógicas desenvolvidas durante a trajetória no Programa Residência Pedagógica.

De acordo com Clandinin e Connelly(2011), a realização da autonarrativa proporciona ao aluno, além de reflexões, crescimento, pois as histórias que trazemos como pesquisadores também estão marcadas pelas instituições onde trabalhamos, narrativas construídas no contexto social e pela paisagem na qual vivemos.

A coleta de dados se deu a partir da participação no Programa Residência Pedagógica 3ª Edição, do qual participei de novembro de 2022 até abril de 2024. o trabalho central foi realizado na E.E.E.F. Duque de Caxias, situada em Porto Alegre/RS. O terceiro Ano do Ensino Fundamental foi a turma destinada para a experiência.

Os dados em questão, referem-se a um recorte dessa experiência docente, que foi a primeira Unidade Temática trabalhada na escola, tematizando as lutas a partir da modalidade específica Karatê, na qual tenho considerável experiência como atleta e posteriormente como professor em academias e projeto social.

O processo de construção do planejamento anual, iniciado através de observações das aulas de educação física da turma com a professora titular, as discussões, debates e análises em grupo sobre a construção do planejamento anual, ações e resultados de cada semana de aula e as interpretações dessas vivências, também fazem parte desses dados.

A coleta de dados se deu a partir de documentos inerentes à prática pedagógica, assim identificados:

Planejamento anual de ensino, constando os objetivos gerais para o período, as unidades temáticas a serem trabalhadas, bem como os conteúdos, objetivos específicos, estratégias de ensino e dimensões do conhecimento referentes a cada uma dessas unidades temáticas, distribuídas ao longo do ano letivo. Planos de aula referentes à oito aulas; diários de aula referentes à oito aulas; observações sobre as reuniões semanais com a docente orientadora, num total de cinco reuniões e processo de rememoração da minha trajetória na prática esportiva do karatê.

Para a organização e análise dos dados, foi desenvolvida uma linha do tempo, com o intuito de comparar, analisar e refletir sobre as mudanças relativas à experiência docente a partir das minhas percepções enquanto professor de lutas antes da RP (academia, centro de treinamento), professor de lutas durante a RP e por fim, professor de lutas depois da RP.

A partir dessa construção, para fins de análise, foram identificadas categorias, nomeadas conforme segue: objetivos gerais; os conteúdos de ensino; estratégias de ensino e por fim, expectativas de aprendizagem.

A categoria Objetivos gerais, refere-se à aquisição de conhecimento por parte dos alunos dentro dos períodos preestabelecidos a partir do planejamento de ensino. Os conteúdos de ensino representam a perspectiva sob a qual serão tratadas ou tematizadas cada uma das unidades de ensino elencadas. As estratégias de ensino, por sua vez, são as elaborações pelas quais os conteúdos serão tratados, as formas de acesso a tais conteúdos, buscando alcançar por meio dessas, os objetivos gerais. Por fim, as expectativas de aprendizagem, dizem

respeito ao nível da compreensão, capacidade de autonomia e gerenciamento perante os conhecimentos adquiridos e as possibilidades de aproveitamento externo do que foi trabalhado.

A base fundamental para as análises foram o olhar crítico sobre as transformações e novas ou outras percepções sobre a prática docente durante a participação no Programa Residência Pedagógica. Os diferentes momentos e aspectos dessa jornada, possibilitaram compreender os fenômenos e transformações que emergem dos aprendizados e vivências, tornando-se uma importante ferramenta para qualificação e aperfeiçoamento do futuro professor, que necessita refletir, avaliar e compreender a prática docente como um processo constante de aprendizagem.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

As análises aqui apresentadas partem da autorreflexão dos diferentes tempos e espaços por mim vivenciados ao longo da minha caminhada como professor de lutas, sejam eles: Ser professor antes da experiência na Residência Pedagógica, a experiência durante a Residência Pedagogia, e as marcas somadas ao ser professor de lutas pós Residência Pedagógica.

Neste sentido, a contextualização permeia diferentes aspectos do ato de ser professor, como a percepção sobre: objetivos gerais; os conteúdos de ensino; estratégias de ensino e por fim, expectativas de aprendizagem, evidenciados em cada um destes momentos, num movimento de reflexão sobre o sentido das mudanças registradas nesta trajetória profissional.

Os objetivos gerais para as lutas no meio esportivo estão ligados principalmente à aquisição de habilidades técnicas, porém, concomitantemente aos saberes práticos, encontram-se os objetivos correspondentes aos conceitos de luta, como por exemplo, identificar a prática de modalidade específica enquanto arte marcial e luta esportiva, diferenciando os aspectos filosóficos da arte, dos aspectos competitivos do esporte. Essa diferenciação é de suma importância para o praticante de lutas, uma vez que as atividades práticas dessas duas dimensões(arte marcial e luta esportiva) encontram-se, mas os conceitos, a história, os objetivos e as reflexões a partir dos mesmos, distanciam-se.

Quando o praticante compreende que a esportivização das lutas representa um estágio da evolução da arte marcial, que já não encontra lugar no mundo contemporâneo, onde a manutenção da segurança e da vida dos indivíduos, passa a ser um dever do estado e os armamentos tornam irrelevantes as possibilidades de reação ou defesa perante as covardias ou

injustiças num cenário de violência e caos social, assim como aponta Bechara (2004, p 73.), “As lutas são manifestações culturais da Cultura Corporal que reproduzem as formas históricas de enfrentamento(...) e de preparação para o combate, totalmente ineficientes no mundo atual comandado pela tecnologia, porém cheias de tradições e formas simbólicas de combate.”

De tal maneira, a prática esportiva das lutas torna-se um ato consciente e uma possibilidade de continuidade enquanto atividade de lazer e apreciação para a vida toda, uma vez que desvincula a prática da excelência da execução dos movimentos, abrindo espaço para as práticas envolvidas no contexto cultural dessas lutas, como as interpretações das cantigas da capoeira, a meditação do karatê, ou as interpretações dos katis do Kung fu.

Entre as diversas possibilidades de tematização das lutas na escola, seria pertinente o objetivo de vivenciar e reconstruir atividades relacionadas aos conteúdos das lutas, dessa forma, cada aluno daria seu próprio sentido a essas práticas, de acordo com suas experiências e a partir delas, ressignificando os saberes de acordo com as novas representações por eles despertadas.

Analisar criticamente as questões socioculturais que partem do contexto histórico das lutas, representa outra possibilidade de tematização no âmbito escolar, assim como perceber a necessidade de inserção dessas práticas com a intenção de possibilitar a defesa dos mais vulneráveis e comparar com a evolução através dos anos até alcançar a esportivização.

Tratando da importância e significados das lutas na escola, Gomes e colaboradores (2013), apontam aspectos que vão ao encontro dos objetivos apontados acima quando afirmam:

Ao conhecer as lutas em diversos aspectos (políticos, econômicos, sociais, históricos, estéticos, fisiológicos etc.), os alunos poderão se apropriar de elementos que contribuirão com a construção crítica de conhecimentos, valores, atitudes, fatos e procedimentos que auxiliarão na ampliação de suas visões de mundo. No caso das lutas, é possível além de vivenciar diversas práticas corporais, compreender o enfoque apontado pelas mídias, diferenciando-as dos contextos violentos, possibilitando a tomada de decisões sobre opções mais conscientes para sua vida cotidiana, entendendo estas práticas corporais como possibilidades de lazer, saúde, rendimento, comunicação, expressão corporal, entre outras (GOMES et al, 2013. p. 310).

Diferenciar as lutas de brigas e atitudes violentas também é um objetivo necessário na escola, uma vez que as agressões não só físicas, são vistas como parte das relações sociais e podem ser combatidas no meio escolar, a partir de uma cultura de paz, respeito às diversidades e apontando o diálogo como solução de situações controversas. Dentro dessa perspectiva, os estudos de Correia e Franchini (2010), concluíram que é possível convergir

propostas de compreensão das lutas nos contextos escolarizados, buscando romper paradigmas que outrora relacionam tais práticas com aspectos vinculados à violência ou falta de respeito entre os participantes, levando em consideração a pluralidade do universo relacionado às lutas.

Durante as aulas ministradas na escola, tive o cuidado de explorar e reforçar os aspectos que diferenciam as brigas, o empurra-empurra nas filas e os xingamentos, das práticas de lutas, e foram muito bem-aceitas e compreendidas dentro da minha avaliação. Porém, as possibilidades de novas construções, liberdade de movimentos e algum nível de análise sobre as questões culturais, não foram alcançadas, não pelas limitações cognitivas dos alunos, até poderia chegar a essa conclusão, caso o conteúdo em algum momento apontasse para essas discussões.

A limitação no desenvolvimento das ações livres e análise crítica aconteceram pelo rumo das aulas, que não foram planejadas com momentos para tais inserções, pois priorizavam a apresentação dos movimentos pelo professor, assim como a transmissão dos conteúdos conceituais sem espaço para debate como estratégia que provocasse discussões diversificadas sobre o tema. Essas diferentes percepções sobre a escolha de conteúdos de ensino das lutas trazem as seguintes reflexões.

Os conteúdos de ensino de lutas se diferem de acordo com o contexto ao qual este ensino esteja inserido, sejam eles um olhar de uma proposta mais esportivista, e/ou um olhar sobre o contexto escolar. Dentro de uma proposta esportivista, perspectiva dentro de academias, clubes, centros de treinamento, os conteúdos são voltados para a aquisição de conhecimentos e habilidades técnicas, onde o aprendizado busca sobretudo qualidade de movimentos, melhora de capacidades físicas básicas e compreensão do jogo. Enquanto, competição esportiva, as características e estratégias para o desenvolvimento de tais técnicas aparecem como componente principal dentro do planejamento de ensino, as questões culturais, históricas e filosóficas, limitam-se a transmissão pontual e estritamente necessária.

Embora existam inúmeras possibilidades de prática, na maioria das vezes, as lutas ainda são ensinadas de forma tradicional como na sua criação, onde os treinamentos são em formato de repetição exaustiva em que o aluno somente reproduz seu professor e conteúdos são trabalhados da mesma forma para adultos e crianças (PAES, 2010).

De acordo com Darido (2012.), é muito comum que estes conteúdos esportivos sejam transmitidos superficialmente, apenas na ótica do saber fazer, o que acaba limitando a perspectiva do que se ensina/aprende, do conhecimento produzido pela humanidade sobre a cultura corporal.

A forma como esses conteúdos são transmitidos também apresenta especificidades, dentre elas encontramos o professor como o detentor do conhecimento, um mestre incontestável, dentro de uma relação de hierarquia sem a menor possibilidade de questionamento. Geralmente, os conteúdos são transmitidos através de demonstração, repetição e correção, com cada uma das técnicas apresentadas pelo professor, que necessita de um avanço mínimo da qualidade de tais técnicas por parte dos alunos para aumentar progressivamente a complexidade dos conteúdos a serem ensinados.

Nesse sentido, o estudo de Lopes e Tavares (2008.) analisou aulas ministradas por professores de Karatê em academias, num contexto tradicional e esportivista, e identificou que os conteúdos eram transmitidos pelos professores como “verdades” absolutas a serem assimiladas pelos alunos, prevalecendo a reprodução e repetição mecânica. A estruturação das aulas assemelhavam-se a sessões de treinamento, mesmo na iniciação, partindo do método parcial para o global. Foi ainda evidente a relação hierarquizada entre professores e alunos, limitando os alunos à imitação passiva.

A reflexão proposta pelos autores serviu como espelho que representava a minha perspectiva, forma como os conteúdos de ensino eram trabalhados por mim antes do processo das vivências durante a Residência Pedagógica. Tal recorte retrata a minha ideia de como trabalhar com esses conceitos, muito justificada pela minha experiência de vida inserida no contexto da prática do karatê por mais de quinze anos.

Até ser provocado a refletir e ressignificar o ensino e prática das lutas, minha compreensão sobre o que é necessário aprender e reproduzir enquanto aluno de Karatê, eram as técnicas que identificam a arte, ou esporte e as especificidades culturais indispensáveis para a prática, como país de origem, nomenclatura dos movimentos, protocolos de saudação, etc.

Tais provocações se davam durante as reuniões semanais da RP, partindo da docente orientadora, que questionava sobre o andamento das aulas e o nível de aproveitamento dos alunos. Alguns exemplos destas questões reflexivas:

Com esses movimentos que os alunos em fila, observam e repetem, existe algum aprendizado?

Teria como os alunos se movimentarem livremente e ainda assim aprenderem sobre lutas?

O que mais estás ensinando além de movimentos?

Os alunos compreendem essas práticas, faz algum sentido pra eles?

As transformações sobre a minha perspectiva para a escolha dos conteúdos, pode ser exemplificada pelas informações apresentadas na tabela 1, onde relato as diferentes posições sobre o que ensinar nos tempos antes da RP, durante a RP e depois da RP.

Tabela 1: Conteúdos de Ensino das Lutas

Antes da RP	Durante RP	Depois da RP
<p><u>Concepção de Lutas a partir de modalidade específica</u> Etiqueta e costumes dentro do Dojô. Principais Bases, Posições, Posturas, Deslocamentos, Ataques, Defesas, Regras da modalidade esportiva.</p>	<p><u>Concepção de Lutas a partir de modalidade específica</u> História resumida do Karatê. Principais Defesas, socos e chutes. Apresentação de vídeos de competições (para conhecer)</p>	<p><u>Unidade Temática Lutas</u> Abordagem sem modalidade específica. O que sabemos sobre Lutas? Diferença entre Lutar e brigar(violência na escola). Abordagem das Lutas a partir da distância entre oponentes (lógica Interna).</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir dessas reflexões e ao longo do percurso da RP foi possível perceber que os conteúdos de ensino poderiam também ser tematizados, sem perder suas características, a partir de um olhar mais educacional, como destaca o planejamento da RP 2024, quando define os seguintes conteúdos para a temática das Lutas, conforme o Quadro 1:

Quadro 1: Conteúdos da Unidade Temática Lutas – 2024

<u>CONTEÚDOS</u>
<p>Transformações históricas das Lutas enquanto estratégia de sobrevivência, avanço social, arte marcial, defesa pessoal e modalidade esportiva.</p> <p>Práticas adaptadas referentes às lutas.</p> <p>Elaboração de estratégias e resoluções de problemas em jogos de combate.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Este exemplo revela que quando passamos ao contexto do ensino das Lutas dentro da Educação Física Escolar, a seleção de conteúdos se dá de forma extremamente diferente, é necessário partir de um olhar pedagógico, inclusivo, reflexivo e participativo, equilibrando a aquisição dos conhecimentos entre os conteúdos procedimentais, conceituais e atitudinais. Conforme Kunz(2001), no contexto escolar cabe ao profissional da Educação Física proporcionar, pela tematização do seu conteúdo específico, uma compreensão crítica das práticas esportivas.

Cabe ao professor encontrar formas de despertar no aluno a sua capacidade de compreender e fazer uma leitura pessoal a partir das práticas, das vivências, da construção dos debates, diálogos, onde todos possam exteriorizar suas percepções, construindo novos aprendizados. Os aspectos ligados à cultura do movimento, contexto histórico, evolução e adaptação dentro da sociedade também requerem atenção dentro da seleção dos conteúdos. De acordo com Neira (2020), o ponto de partida dos trabalhos é sempre a ocorrência social da prática corporal em tela, com o objetivo de promover situações didáticas que estimulem os estudantes à vivência, leitura, ressignificação, aprofundamento e ampliação das brincadeiras, danças, lutas, ginásticas e esportes, tomados como objetos de estudo.

Em concordância, a BNCC (2018) apresenta uma definição de como as práticas corporais devem ser abordadas pelo professor, possibilitando aos alunos novos significados diante das aprendizagens:

Nas aulas, as práticas corporais devem ser abordadas como fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório. Desse modo, é possível assegurar aos alunos a (re)construção de um conjunto de conhecimentos que permitam ampliar sua consciência a respeito de seus movimentos e dos recursos para o cuidado de si e dos outros e desenvolver autonomia para apropriação e utilização da cultura corporal de movimento em diversas finalidades humanas, favorecendo sua participação de forma confiante e autoral na sociedade (BRASIL, 2018. p.213).

Ao adentrar na escola para o desenvolvimento das práticas docentes enquanto acadêmico residente, o primeiro pensamento, em termos de ação que pudesse diminuir a tensão e insegurança diante de um novo desafio profissional foi trabalhar com a área de domínio. Assim como apontou o estudo de Rosário e Darido (2005), tratando da sistematização de conteúdos da Educação Física na escola, ao concluir que muitos conteúdos não são ministrados porque os professores não os dominam, se sentem inseguros, ou se julgam despreparados.

A escolha da temática, além de estabelecer uma certa segurança para o desenvolvimento das atividades, facilitou a elaboração e planejamento das aulas, metodologia, estratégia de ensino e toda a questão didática de como ensinar uma modalidade esportiva, nesse caso, a modalidade de lutas Karatê, que após muitos anos de prática enquanto atleta e outros anos ministrando aulas para equipes mistas de crianças e adolescentes, adquiri boa experiência a partir da perspectiva de ensino esportivista.

Vi-me nesse momento com uma bagagem extremamente significativa e importante, potencializada por todos esses anos de trabalho, por outro lado, havia um novo caminho

desconhecido a ser percorrido pelo professor de educação física escolar, culminando na necessidade de repensar minhas concepções sobre metodologias, estratégias, objetivos e principalmente a minha própria atuação enquanto professor, partindo desse novo lugar. Fica evidente que é em torno das preocupações com a pertinência de suas ações junto aos estudantes que os professores concebem a coerência de sua atuação (SOUZA NETO, 2016).

Dessa forma, no momento de construção do planejamento para o primeiro trimestre priorizei o ensino de lutas com foco no Karatê. Apresentei o planejamento com conteúdos ainda dentro de uma perspectiva totalmente voltada para o ensino de técnicas. Neste momento me deparei com mais uma reflexão desafiadora, fui autorizado a colocar a proposta em prática, desde que estivesse preparado para flexibilizações diante das dificuldades, objetivos não alcançados, alunos que não se adaptassem e diversas outras possibilidades de desacertos, assumindo a responsabilidade e buscando soluções.

Por consequência, iniciei as aulas num processo de ação, reflexão, ação, por vezes achando que não necessitaria nenhuma alteração no que estava planejado. As aulas foram acontecendo, as estratégias de ensino sendo colocadas em prática e a realidade concreta impactando novos desafios, outros questionamentos e transformações na minha atuação enquanto professor de lutas. Um ponto importante a ser observado, parte das transformações estimuladas pelas estratégias de ensino, que passam a ser contextualizadas.

No que tange às estratégias de ensino de lutas no contexto esportivo, estas se pautam nos métodos de treinamento tradicionais, desenvolvendo o ensino através da repetição de técnicas e fundamentos, com demonstração e correção de movimentos, primando pela execução correta em busca de excelência. Ao criticar tal modelo de ensino, Kunz (1991) argumenta que o problema deste paradigma é a interpretação puramente técnica do movimento humano, o que fornece um conhecimento muito simples deste movimento, escondendo suas principais possibilidades e potencialidades diante do mundo. Assim, o importante não é mais o ser humano que realiza o movimento, mas o padrão de movimento a ser copiado.

De uma forma geral, algumas estratégias são elaboradas para aumentar a dinâmica das aulas, promovendo um treinamento que não seja tão previsível e repetitivo, como trabalhos em dupla, de ataque e defesa, disputas de movimentos sincronizados entre equipes, utilização de alguns equipamentos, com o intuito de engajar o grupo na continuidade dos treinamentos.

Este era o único modelo de estratégias de treinamento que eu reconhecia e entendia como método eficaz antes da experiência docente com as lutas na escola. Mas uma questão me inquietava, seria possível reproduzir tais estratégias para o contexto escolar?

Diante das experiências durante as aulas ministradas, agora entendo que não, pois nos primeiros momentos, enquanto residente, as aulas foram conduzidas dentro dessa ótica e além de não perceber o resultado esperado nos alunos, a expectativa do que os estudantes poderiam aprender foi reduzida a simples repetições, gerando uma grande frustração que resultou na necessidade de refletir sobre as atuais práticas pedagógicas.

Hildebrandt (2003) faz crítica ao modelo de ensino tradicional dos esportes que limitam a experiência, exclui os menos habilidosos, além de incentivar a mera repetição de gestos. Também afirma, o autor, que quando queremos um desenvolvimento plurilateral de nossas crianças, então a aula de Educação Física tem a tarefa de agir contra a redução da complexidade do sistema do esporte.

Neste sentido, busquei outras estratégias de ensino, com intuito de diversificar as experiências tanto no âmbito dos movimentos, quanto nas possibilidades de novas interpretações para o fenômeno apresentado a partir da unidade temática. Foram implementadas aulas conceituais expositivas sobre o conteúdo, com imagens ilustrativas, apresentação de vídeos para análises e discussões, facilitando o entendimento de forma concreta. Apresentação dos objetivos de cada atividade de maneira clara, possibilitando a experiência prática e incentivando tentativas diversificadas de resolver os problemas sugeridos dentro das atividades, sem deixar de atender às regras preestabelecidas.

A preocupação com a forma de ensino dos diferentes tipos de conteúdos que emergem das lutas foi discutida por Lima e Fabiani (2023). Segundo os autores a: “(...) sistematização do conteúdo das lutas a partir das dimensões dos conteúdos configura-se como uma estratégia efetiva para o desenvolvimento desta temática nas aulas de Educação Física”. Seguem os autores alertando para a importância de práticas pedagógicas diferenciadas no processo de ensino e aprendizagem: “Ao utilizar este recurso metodológico, o professor integra a vivência aos conceitos e atitudes que emanam da prática das lutas, contribuindo para potencializar processos pedagógicos que contemplem as lutas em sua totalidade e não apenas seus aspectos técnicos” (p 14 e 15).

Outra estratégia que passou a ser utilizada e se tornou significativa tanto para minhas ações didáticas como para o aprendizado dos conteúdos foi a problematização por meio de debates. Estas “conversas” ora intencionais e planejadas, ora espontâneas fez com que os alunos se sentissem parte do processo e com mais responsabilidade sobre suas aprendizagens. É possível exemplificar estes momentos com a seguinte proposta de atividade realizada na aula 05, conforme apresenta o plano de aula do dia 18/04/2023, exposto no Quadro 2:

Quadro 2: Plano de Aula-18/04/2023ATIVIDADE PRINCIPAL

Jogo de combate: quem tocar primeiro ganha.

Espaço de jogo: dentro de um círculo desenhado no chão.

Objetivo: Um contra um, quem tocar no pé do colega primeiro vence.

Após a vivência, diálogo com os alunos sobre o jogo, as dificuldades que encontraram, se perceberam a lógica das lutas nessa atividade e de que forma. Quais novas regras poderiam ser criadas, retiradas, modificadas para que a atividade pudesse ser desenvolvida por pessoas com dificuldade de locomoção?

Fonte: Elaborado pelo autor.

Também foram importantes as ações de estímulo através de feedbacks positivos, com o devido cuidado de não vincular os estímulos verbais com atos agressivos ou violentos. Conforme Villwock e Valentini(2007), as crianças utilizam feedback positivo e o encorajamento de adultos como critérios para avaliar sua competência, para perceberem-se competentes é fundamental o apoio de adultos significantes. Dessa forma, pude compreender que a comunicação, quando bem empregada, resulta numa importante estratégia de ensino.

Utilizar estratégias de comunicação para conduzir as aulas na direção dos objetivos de aprendizagem preestabelecidos pode gerar bons resultados. Em academias mais tradicionais, existe um distanciamento entre o professor e os alunos, cada qual representa um papel durante as aulas e ao final deste período, pouca coisa será dita. Muitos alunos preferem treinar dessa forma, mantendo uma relação estritamente profissional com o professor, onde cada qual entrega e recebe apenas o que julga necessário para o bom andamento da aula.

Nesses casos, a etiqueta e tradição da modalidade de luta que se desenvolve é seguida à risca, o tempo de aula em atividade tende a ser maior, que para esse público é um fator importante. O professor tende a posicionar-se como um mestre incontestável, que detém saberes transmissíveis aos alunos por meio de demonstrações e repetições, corrigindo movimentos sem dar muitas explicações sobre as reais possibilidades ou intenções de utilização prática dos mesmos.

Existem professores com perfil mais interativo, que preferem trabalhar com projetos sociais na periferia, indo além do treinamento esportivo, nesse caso, a modalidade de luta se transforma numa ferramenta social, com a finalidade de fortalecimento da autoestima, valorização da escola(mesmo fora do ambiente escolar) e ressaltando a importância da família e união da comunidade para uma vida melhor e menos desigual.

Durante minha formação no Karatê, pude treinar durante alguns anos com professores de ambos os perfis, a percepção que tive era de que os alunos devem adaptar-se aos professores, as aulas são essas, as didáticas e rotinas são essas, o professor não vai procurar novas formas de ensinar ou de compreender a necessidade do aluno para evoluir, caso não esteja satisfeito com a dinâmica das aulas, procure outro centro de treinamento.

A comunicação nas aulas de educação física em ambiente escolar é fator fundamental para a troca de conhecimentos, socialização e aprendizado de todos, partindo da temática das lutas não é diferente, sendo que as lutas representam uma unidade temática pouco acessada ou trabalhada na escola por diversos fatores, como insegurança por parte dos professores, vinculação com a violência por parte da comunidade escolar e algumas vezes, dependendo da abordagem, resistência dos próprios alunos perante o tema. Essas afirmativas coadunam com as conclusões do estudo de Rufino e Darido (2015), que acrescentam a formação do professor como um dos maiores obstáculos para o trato das lutas na escola.

Partindo dessa realidade, a comunicação é um elemento que vai definir boa parte do êxito no tratamento das lutas no contexto escolar. O professor pode esclarecer quais as representações de lutas e as formas de acesso aos conteúdos, a fim de tranquilizar e desmistificar qualquer ideia preconcebida de forma negativa sobre as aulas que estão por vir.

Durante a experiência das aulas de lutas na Residência Pedagógica, a comunicação era fluente e amistosa, os alunos se mostravam receptivos e curiosos com as aulas diferenciadas, porém, com a preocupação de perder muito tempo de aula conversando e não conseguir repassar os conteúdos planejados, acabava por interromper bons momentos de trocas de conhecimentos por conta de retornar às atividades. Tais reflexões permitiram compreender que um momento de conversa, esclarecendo curiosidades, incentivando novas perguntas e respostas para o grupo, fazem parte das aulas, não representam, como eu pensava na ocasião, um tempo perdido, mas sim uma oportunidade de qualificar tanto a aula quanto a relação entre os alunos e o professor.

Dessa forma, a comparação das evidências sobre minhas ações e reflexões, acerca das estratégias de ensino, bem como as transformações permeadas ao longo do processo da RP, podem ser sintetizadas conforme a tabela 2:

Tabela 2: Estratégias de ensino das Lutas na Escola

Antes da RP	Durante a RP	Após a RP
<ul style="list-style-type: none"> -Ensino através da repetição das técnicas. -Demonstração e correção dos movimentos. -Busca pela execução do movimento perfeito. -Construção progressiva das técnicas. 	<ul style="list-style-type: none"> -Apresentação das técnicas a partir de demonstração. -Repetição dos movimentos para experimentação. -Jogos e brincadeiras para fixação dos conteúdos.- Análise de vídeos. 	<ul style="list-style-type: none"> -Aulas conceituais expositivas. - Análise de vídeos -Apresentação dos objetivos de cada atividade, possibilitando experimentar diversas formas para atingi-los, dentro das regras. -Discussão sobre o desenvolvimento das tarefas. -Feedback positivo durante as atividades.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Após as aulas ministradas na Residência Pedagógica, foi possível compreender que em termos de estratégias de ensino, a diversificação nas formas de tematizar o conteúdo, possibilita ampliar as possibilidades de alcance dos objetivos por parte dos alunos, uma vez que se ampliam as maneiras de perceber e compreender o objeto de estudo, visto por diversas perspectivas.

Para repensar as estratégias de ensino, também busquei analisar e refletir sobre as condições de estruturas física e de materiais didáticos disponíveis para a minha intenção pedagógica de ensinar lutas na escola. Na realidade escolar em que me deparei, na escola da RP, não encontrei as condições que tinha na academia em que já atuava como professor de Karatê. Este foi mais um fato que me fez refletir e instigou transformações na minha prática pedagógica.

De acordo com Zabala (1998), os materiais didáticos são todos os recursos que podem proporcionar aos professores respaldos, referências e critérios para tomar decisões, tanto na fase de planejamento, na intervenção direta no processo de ensino e aprendizagem, bem como em sua avaliação. Desta forma, torna-se possível considerar os materiais didáticos como os meios que auxiliam os professores nas diferentes fases de planejamento, execução e avaliação do processo de ensino e aprendizagem dos diferentes componentes curriculares.

Partindo deste princípio, os materiais que me refiro nessa análise, representam os materiais que auxiliaram ou poderiam auxiliar pedagogicamente na execução das aulas, combinados às possibilidades de estrutura física disponíveis nos contextos escolares e esportivos.

Quando o centro de treinamento, academia, ou ginásio oferece modalidades de lutas entre suas práticas, geralmente conta com uma estrutura que deixe as aulas mais interessantes para os alunos/clientes. A área de treinamento é revestida de tatames ou similares, destinados tanto para a segurança dos alunos em caso de quedas, quanto ao conforto e estabilidade de temperatura do piso para os pés descalços e também para adaptação em competições que utilizam sempre esse tipo de material nas áreas onde ocorrem os jogos.

O material didático, muitas vezes se resume a uma apostila para os iniciantes, com o lema da equipe, caso haja, princípios filosóficos da arte marcial em questão, alguns fatos históricos mais importantes e o vocabulário mais usual utilizado nas aulas, indicação de livros e sites oficiais de federações.

Para as aulas de lutas na escola, o fundamental é um piso plano, se possível com superfície lisa, para facilitar os deslocamentos e as atividades que exigem agilidade dos alunos. Os materiais de aula, como cordas, cones, arcos, bolas, também podem ser utilizados em ocasiões específicas, mas não são indispensáveis. Tatame é um material muito bem-vindo.

Para definição de áreas de jogos de exclusão, opto por utilizar o giz, desenhando um círculo, ou alguma fita aderente que não seja transparente.

Nas aulas ministradas durante a Residência Pedagógica, utilizei os materiais disponíveis na escola, o tatame, cordas, quadro, giz e algumas bolas. Alguns materiais externos também foram utilizados, como balões, cartolina e desenhos impressos em folha A4.

O único material que foi utilizado em todas as aulas e faria muita falta, seria o tatame, que foi de grande utilidade em diversos momentos, facilitando a organização, pois delimita a área de aula, e auxilia na segurança dos alunos em possíveis quedas.

Tão relevante quanto os demais itens já analisados, é o que se refere às expectativas de aprendizagem, uma vez que trata do resultado final da intenção pedagógica, sobre o que se espera ao final de um ciclo, pontualmente para esse estudo reflexivo, o que eu gostaria que os alunos compreendessem após o bloco de aulas de lutas.

No âmbito esportivo das lutas, as expectativas de aprendizagem dos alunos, estão diretamente ligadas a progressão de níveis, que em diversas modalidades se dá por meio de exames de troca de faixas. Essas etapas de graduação compreendem períodos de treinamento pré-definidos, assim como os conteúdos e nível mínimo de habilidades técnicas que serão avaliados. De acordo com Frosi (2015), faz-se necessário o conhecimento prévio do programa destinado a cada etapa de ensino, assim como o tempo mínimo para o exame de faixa, a partir desses dados é que se define a expectativa de aprendizagem para cada período.

Enquanto professor de Karatê em centro de treinamento, ou academia, minha primeira meta sempre foi a adaptação dos alunos às regras do ambiente de treino, aos rituais de início e fim de aula e o sistema de treinamento das lutas, a partir de demonstração e repetição.

Superando esse período adaptativo, a evolução acontece naturalmente com a continuidade da prática, então é possível prever qual o tempo necessário para a aquisição dos conhecimentos indispensáveis ao exame de graduação. Nakayama (1996) afirma que embora alguns meses sejam suficientes para aprender as técnicas básicas do Karatê, o domínio completo pode não ser alcançado mesmo após uma vida inteira de treino. Sendo assim, com o passar dos anos, a expectativa de aprendizagem pode evoluir para manutenção das habilidades adquiridas.

Contudo, a experiência vivida na RP define que esse tipo de expectativa não pode ser transferida para o ambiente escolar, onde as aulas de educação física, geralmente acontecem numa frequência de duas vezes por semana, e o professor ao longo do ano letivo precisa dar conta de diversos conteúdos, conforme determinam as leis vigentes.

Dessa forma, ao tratar das lutas na escola, a expectativa de aprendizagem associa-se ao número de aulas destinadas para a unidade temática, bem como o aprofundamento do tema dentro do planejamento escolar para o ano letivo.

O Referencial Curricular Lições do Rio Grande (2009), que esteve em vigor de 2009 até ser substituído em 2018, por exemplo, previa para todo o ensino fundamental, apenas 8% das aulas de Educação Física destinadas à tematização das lutas, indicando como tema apropriado somente para o sétimo e oitavo anos, conforme a imagem abaixo.

Na Imagem 1 consta o percentual previsto para cada tema estruturador nos diferentes ciclos escolares (Rio Grande do Sul, 2009).

Imagem 1: Organização Curricular

	Esporte	Ginástica	Jogo motor	Lutas	Práticas corporativas expressivas	Práticas corporais junto à natureza	Atividades aquáticas	Práticas corporais e sociedade	Práticas corporais e saúde
5ª e 6ª	50%	18%	10%		10%			6%	6%
7ª e 8ª	44%	10%		8%	10%	10%	6%	6%	6%
1º	44%	12%			12%	10%	6%	8%	8%
2º e 3º	40%	16%			12%	12%		10%	10%

Fonte: Referencial Curricular Lições do Rio Grande, vol.II (2009, p.125)

Apesar da ressalva, apresentada neste documento, de que os percentuais indicados não são fixos, mas sim orientadores, para que cada escola possa redistribuir os tempos, também salienta que tais redistribuições não devem se distanciar das preestabelecidas.

Os percentuais apontados no Referencial não são fixos, e sim, orientadores da distribuição do tempo disponível para tratar os temas estruturadores em cada escola. O plano de estudo da disciplina, em consonância com o plano político pedagógico da escola, poderá prever proporções diferentes de tempo para cada tema estruturador. Entretanto, é importante frisar que os percentuais não deverão variar muito, pois isso traria dificuldades para o desenvolvimento das diversas competências a serem aprendidas pelos alunos nas aulas de Educação Física (Rio Grande do Sul, 2009. p.126).

Levando em consideração os dados acima mencionados, a reflexão que faço sobre o tratamento do tema lutas, dentro dessa perspectiva, proporciona uma expectativa de aprendizagem limitada, na dimensão da experimentação, mediante algumas práticas pontuais.

Outro aspecto a considerar quando as lutas adentram à escola, seria a idade ou etapa de ensino que se esteja trabalhando, a expectativa de aprendizagem pretendida para o quarto ano, se diferencia das possibilidades do nono ano, uma vez que a capacidade de absorção, reflexão, ou análise dos conteúdos está conectado com a capacidade cognitiva de compreensão e interpretação dos alunos perante as possibilidades de aprofundamento do tema.

Para esta situação, Betti (1994), indica que a Educação Física deve ser, progressiva e cuidadosamente, conduzir o aluno a uma reflexão crítica que o leve à autonomia no usufruto da cultura corporal de movimento, sendo esse um processo que possui fases, com objetivos específicos, que respeitam os níveis de desenvolvimento e as características e interesses dos alunos.

Minha expectativa sobre a aprendizagem dos alunos durante a RP, era que experimentassem a prática da modalidade Karatê, a partir dos movimentos básicos e conceitos gerais sobre o tema. Também havia a expectativa da reprodução consciente das técnicas vivenciadas e por fim, pudessem compreender os aspectos que diferem as lutas de atos violentos ou agressivos.

Ao final da experiência, entendi que tais expectativas para oito aulas, onde a prática se resumia na repetição de gestos e nas rodas de conversas eram basicamente transferência de informações do professor para os alunos, não foram alcançadas da maneira que eu gostaria, sendo necessário repensar as formas de atingir os objetivos da unidade temática.

Os resultados alcançados pelos alunos em termos de aprendizagem foram pontuais, sendo possível elencá-los da seguinte forma:

Sabem distinguir as lutas de outras práticas corporais; compreendem a diferença entre luta esportiva e brigas; entendem os principais objetivos do “jogo” do Karatê: atingir o adversário através de soco ou chute na altura do quadril, enquanto se defende com mãos e braços ou esquiva dos golpes adversários.

Ao analisar tais resultados, percebi que estavam abaixo do potencial da turma, mas de acordo com os objetivos traçados na ocasião, que eram básicos e pouco ambiciosos ao tratar de um tema amplo e complexo, que poderia ter sido muito melhor explorado.

A construção dessas novas percepções não foram alcançadas a tempo de reestruturar totalmente a unidade temática. As mudanças geradas a partir dos conflitos, reflexões, embates de perspectivas e entendimento do que é ser professor de lutas, resultou em alguns avanços dentro do projeto, mas no que se refere ao aprendizado pessoal e profissional foram de grande valia, resultando em novas compreensões do que podem ser as aulas de lutas no ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou refletir, analisar e discorrer sobre as aulas de lutas ministradas na Educação física escolar a partir da minha participação no Programa Residência Pedagógica. Tais análises levaram em consideração os diferentes contextos profissionais e minha trajetória enquanto professor de lutas, assim como os interesses e necessidades dos diferentes públicos aos quais as aulas se destinam, partindo do contexto esportivo de academias, passando pela experiência escolar e chegando ao entendimento das adequações necessárias para alcançar os objetivos pedagógicos diante das peculiaridades de cada um desses espaços.

A participação no Programa Residência Pedagógica proporcionou a tematização das práticas de lutas na escola, a partir de um modelo de ensino tradicional dos esportes, o que me fez repensar diversos aspectos que até esse momento se apresentavam como certezas sobre tais práticas. A construção da unidade temática foi desenvolvida sob uma ótica de aulas práticas, onde os alunos experimentaram os movimentos demonstrados pelo professor, absorvendo as explicações e repetindo tais movimentos. A insatisfação com os resultados da metodologia de ensino utilizada no meio escolar, repercutiram nas transformações referentes à minha compreensão sobre a forma de ensinar nesse ambiente. O que é importante saber

sobre o tema, a relevância dessas práticas para a sociedade, os diferentes momentos, realidades e construções pedagógicas desenvolvidas pelo professor com a participação dos alunos, representam algumas das viabilidades de contextualização das temáticas, que hoje entendo como necessárias para ampliação dos saberes no âmbito da Educação Física Escolar.

No que se refere a categoria dos “objetivos gerais” foi possível reconhecer, a partir desse trabalho, que o ensino das lutas se inicia a partir dos objetivos traçados para cada uma das possibilidades de público, tais como Centros de Treinamento que focam em competições, Centros Culturais que visam a manutenção das tradições e cultura de um determinado país ou território, associações comunitárias que buscam alternativas para auxiliar crianças e jovens a encontrar boas práticas para uma vida melhor, a Educação Física Escolar, que tematiza as lutas enquanto prática corporal pertencente a cultura corporal de movimento, entre outros.

Sobre os “conteúdos de ensino”, é importante apontar que para a ampliação das possibilidades de aquisição de conhecimento é imprescindível o equilíbrio entre os conteúdos procedimentais, conceituais e atitudinais, pois ao abordar conteúdos majoritariamente procedimentais durante a Residência Pedagógica, aspectos importantes das práticas de lutas deixaram de ser pontuados, formando um vácuo entre como surgiram tais práticas, porquê foram necessárias, de que forma chegaram até a prática esportiva, e os movimentos que foram ensinados como ataque, defesa e esquiva.

No que diz respeito às “estratégias de ensino”, pude perceber que a diversificação de tais estratégias aumenta consideravelmente o alcance dos objetivos de ensino, uma vez que cada indivíduo encontra sentido e constrói seus próprios significados para novas práticas ou aprendizados de formas diferentes, de acordo com suas vivências e visão de mundo.

No que tange as “expectativas de aprendizagem”, entendi que somente a partir do alinhamento dos itens anteriores seria possível atingir as expectativas programadas. Com objetivos bem definidos, conteúdos e estratégias que busquem ampliar o acesso ao conhecimento, respeitando as diferenças, com práticas inclusivas e possibilitando mudanças quando necessário, dessa forma as expectativas de aprendizagem se concretizam dentro da unidade temática trabalhada.

A partir das reflexões diante das experiências aqui expostas, concluo que as diversas formas de tematização das lutas, permitem que o professor desenvolva um trabalho de acordo com as necessidades dos seus alunos, onde cada turma, no caso da escola, possa encontrar as formas mais interessantes de olhar para o objeto de estudo, tornando o aprendizado mais proveitoso e coerente com suas demandas. Ao tentar transferir os meios de ensino das lutas da academia para a escola, percebi que alguns conteúdos e formatos de aulas não podem ser

aproveitados no ambiente escolar, pois as intenções pedagógicas, os objetivos de ensino se diferem, tornando a experiência excludente para boa parte dos alunos, além de não proporcionar os subsídios necessários para a construção do entendimento e significação do objeto de estudo de maneira geral. Por outro lado, a experiência do professor de Educação Física Escolar em modalidades de lutas pode ser utilizada, transformando-se num elemento facilitador no desenvolvimento da temática, que tem sido negligenciada no âmbito escolar.

Esses resultados e conclusões fazem parte das reflexões pessoais, que conversam diretamente com as experiências e interpretações de mundo que são entendidas como individuais e partindo desse momento, de aprendizado e construção contínua do profissional que encontrou no Programa Residência Pedagógica uma oportunidade de vivenciar a docência na Educação Física Escolar, utilizando conhecimentos prévios em uma modalidade de luta específica, pondo em prática e quiçá em teste a possibilidade de inserção desse conteúdo no ambiente escolar.

Por fim, ressalto a importância de novos estudos sobre o tema, abrindo possibilidades para ampliar e diversificar o trato da tematização das lutas no ambiente escolar, assim como qualificar o debate sobre as formas de acessar e direcionar essas práticas corporais e culturais para que sejam desenvolvidas e normalizadas na escola, com a devida relevância.

REFERÊNCIAS

ANTONI, ZABALA. A prática educativa: como ensinar. **Porto Alegre: Artmed**, 1998.

BECHARA, Evaldo Chauvet et al. Educação física escolar: proposta para formação de líderes comunitários para alunos de 2ª e 3ª séries do ensino médio. 2004.

BETTI, Mauro. Valores e finalidades na educação física escolar: uma concepção sistêmica. **Revista Brasileira de ciências do esporte**, v. 16, n. 1, p. 14-21, 1994.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução Nº 6, de 18 de dezembro de 2018. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física e dá outras providências. Brasília, DF, 18 DEZ 2018.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. Aprovada pela lei 9.393 em 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação- MEC/CAPES. Portaria GAB Nº 38, de 28 de fevereiro de 2018. Institui o Programa de Residência Pedagógica. 27 de abr. 2018

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base. 2018.

CLAUDININ, D Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história na pesquisa qualitativa**. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CORREIA, Walter Roberto; FRANCHINI, Emerson. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz Revista de Educação Física**, p. 01-09, 2010.

DARIDO, Suraya Cristina. Diferentes concepções sobre o papel da educação física na escola. **Cadernos de Formação: Conteúdos e Didática de Educação Física, São Paulo**, v. 1, p. 34-50, 2012.

DE SOUZA NETO, Samuel; SARTI, Flavia Medeiros; BENITES, Larissa Cerignoni. Entre o ofício de aluno e o habitus de professor: os desafios do estágio supervisionado no processo de iniciação à docência. **Movimento**, v. 22, n. 1, p. 311-324, 2016.

FROSI, Tiago Oviedo. **Introdução ao Karate Shotokan**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Gênese Editora, 2015.

GAYA, Adroaldo. Projetos de pesquisa científica e pedagógica: o desafio da iniciação científica. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2016. p. 426 ISBN: 978-85-98612-35-5.

GOMES, Nathalia Chaves et al. O conteúdo das lutas nas séries iniciais do ensino fundamental: possibilidades para a prática pedagógica da Educação Física escolar. **Motrivivência**, n. 41, p. 305-320, 2013.

HILDEBRANDT-STRAMANN, Reiner. A formação de professores de educação física para escolas públicas na Alemanha. **Revista da Educação Física**, v. 14, n. 2, p. 97-103, 2003.

KUNZ, Elenor. Educação Física: ensino e mudança. Ijuí. 1991.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte** Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

LIMA, George Almeida; FABIANI, Débora Jaqueline Farias. Reflexões sobre o ensino das lutas na escola a partir das dimensões do conteúdo: uma revisão integrativa. **Motrivivência**, v. 35, n. 66, 2023.

LOPES, Yúri Márcio; TAVARES, Otávio Guimarães. A prática pedagógica dos mestres de caratê da grande Vitória-ES. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 1, p. 91-97, 2008.

NAKAYAMA, Masatoshi. **O Melhor do Karatê Vol. 1**. Editora Cultrix, 1996.

NEIRA, Marcos Garcia. Os conteúdos no currículo cultural da Educação Física e a valorização das diferenças: análises da prática pedagógica. **Revista e-Curriculum**, v. 18, n. 2, p. 827-846, 2020.

PAES, Roberto Rodrigues. Desenvolvimento das aulas de lutas: da compreensão teórica aos procedimentos práticos. **Pedagogia do esporte aplicada às lutas**, p. 49-70, 2010.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. Departamento Pedagógico (org.). **Referencial Curricular do Rio Grande do Sul – Lições do Rio Grande: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias – Artes e Educação Física**. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul, 2009, v. 2.

ROSÁRIO, Luís Fernando Rocha; DARIDO, Suraya Cristina. A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes. **Motriz. Revista de Educação Física. UNESP**, p. 167-178, 2005.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. A separação dos conteúdos das “Lutas” dos “Esportes” na Educação Física escolar: necessidade ou tradição?. **Pensar a prática**, v. 14, n. 3, 2011.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. O Ensino das Lutas nas Aulas de Educação Física: Análise da Prática Pedagógica à luz de especialistas. **Revista da educação física/UEM**, v. 26, p. 505-518, 2015.

SO, Marcos Roberto; BETTI, Mauro. Sentido, mobilização e aprendizagem: as relações dos alunos com os saberes das lutas nas aulas de educação física. **Movimento**, v. 24, n. 2, p. 555-568, 2018.

SURDI, Aguinaldo Cesar; KUNZ, Elenor. Fenomenologia, movimento humano e a educação física. **Movimento**, v. 16, n. 4, p. 263-290, 2010.

VILLWOCK, Gabriela; VALENTINI, Nadia Cristina. Percepção de competência atlética, orientação motivacional e competência motora em crianças de escolas públicas: estudo desenvolvimentista e correlacional. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 21, n. 4, p. 245-257, 2007.